

LUTA POPULAR EM DEFESA DA EDUCAÇÃO: uma análise das manifestações de maio de 2019.

Valdirene da Rocha Pires¹
Rodolfo dos Santos Silva²
Fernanda Bruna Sogato Pitti³
Fernanda Almeida Bueno⁴

Resumo: Este artigo apresenta as manifestações populares, ocorridas no Paraná, em maio de 2019, em defesa da educação pública, contra o corte de verbas das Universidades e Institutos Federais, bem como, uma análise das respostas do governo sobre a repercussão das manifestações. Para tal, o texto foi organizado em 3 partes, um breve relato sobre a luta estudantil no Brasil e no Paraná, a descrição dos atos nas principais cidades do Estado, e em seguida a análise da forma como o governo respondeu as manifestações. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica, a partir de diversas matérias publicadas em sites de jornais on-line. Como principais resultados, pode-se ressaltar a importância da luta popular como meio para defender e exigir direitos. No tange as respostas no Estado, observou-se a falta de diálogo, e muita resistência por parte da atual gestão, em lidar com a democracia e com a pressão popular.

Palavras-chave: defesa da educação, manifestações populares, respostas do Estado.

INTRODUÇÃO

As políticas estatais sempre motivaram intensos debates internos nos movimentos estudantis. A defesa de uma autonomia, em relação ao Estado, e de políticas públicas sempre foi uma bandeira dos movimentos sociais.

Neste sentido, a proposta deste artigo é apresentar uma análise das respostas do governo sobre a repercussão das manifestações dos estudantes e professores, ocorridas no Paraná, em maio de 2019, motivadas pelo anúncio do governo federal, sobre o corte de aproximadamente 48 milhões de reais, do repasse às universidades federais, que atinge cerca de 30% do orçamento.

O texto foi organizado em 3 partes, um breve relato sobre a luta estudantil no Brasil e no Paraná, com ênfase para o período dos governos militares, a descrição dos atos nas principais cidades do Estado do Paraná, e em seguida a análise da forma como o governo respondeu as manifestações, não só as ocorridas no Paraná, mas no Brasil.

A metodologia utilizada para a construção do texto foi uma pesquisa bibliográfica, a partir livros e artigos sobre a história no Movimento Estudantil

¹ Valdirene da Rocha Pires - Professor com formação em Serviço Social - Centro Universitário Internacional – UNINTER - E-mail: valdirene.p@uninter.com

² Rodolfo dos Santos Silva - Professor com formação outra áreas - Centro Universitário Internacional - UNINTER

³ Fernanda Bruna Sogato Pitti - Estudante de Graduação - Centro Universitário Internacional - UNINTER

⁴ Fernanda Almeida Bueno - Estudante de Graduação - Centro Universitário Internacional - UNINTER

no Brasil, mas principalmente de diversas matérias publicadas em sites de jornais on-line, sobre as manifestações de junho de 2019. No tange as respostas no Estado, observou-se a falta de diálogo, e muita resistência por parte da atual gestão, em lidar com a democracia e com a pressão popular.

2. Aspectos históricos sobre o movimento estudantil no Brasil.

Há uma busca de explicação sobre a continuidade ou descontinuidade das lutas do Movimento Estudantil brasileiro. Neste sentido, a participação política dos estudantes, muitas vezes, é justificada pelo seu encontro, nos meios acadêmicos, com a realidade social, política e econômica do país, e aquilo que Poerner (2006) denomina de *poder jovem*, uma energia juvenil, que vem arraigada de vontades de transformar a realidade.

Desta forma, cabe lembrar que a partir da fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1937, “os estudantes jamais deixaram de estar presentes pela voz da UNE e, em inúmeras oportunidades, formaram uma vanguarda nas grandes lutas do período” (MENDES JR., 1981, p. 10).

Mendes Jr. (1981) ainda discute a fase da ilegalidade da organização estudantil, desde o incêndio da Sede da Entidade em 1º de abril de 1964 por forças do movimento político-militar, até 1968, quando da realização do XXX Congresso da UNE realizado “clandestinamente” na cidade de Ibiúna (SP), quando mais de 700 lideranças estudantis foram presas pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) e o Ato Institucional nº 05.

De acordo com Montañó e Duritghetto (2014), na segunda metade dos anos de 1970, os movimento sociais ressurgiram com muita força, especialmente nas grandes cidades, realizando manifestações, passeatas, mobilizações em praças, greves e outras ações políticas das quais as organizações estudantis também participaram. (MONTAÑO & DURIGHETTO, 2014, p. 273 e 274).

A União Brasileira de Estudantes Secundarista (UBES), fundada em 1948, também esteve no embate político conjuntamente com a UNE desde a sua fundação. Em 1964 foi colocada na clandestinidade pela Ditadura Militar. Assim como a UNE, a UBES também esteve presente em todas as

manifestações em defesa da educação pública e gratuita, participando também ativamente das lutas contra a ditadura e pela democracia no país.

Na segunda metade dos anos de 1980, o movimento estudantil integrou o Movimento Popular de Participação na Constituinte. Com a promulgação da Constituição, em 1988, alguns avanços foram conquistados, porém o objetivo passou a ser a garantia e a forma de implementação desses avanços. Em 1992, o movimento estudantil pintou a cara e esteve junto com a mobilização popular contra o Plano Collor.

De acordo com Montaño e Duriguetto (2014), nos anos 2000 o movimento estudantil continuou empenhado em defender as causas democráticas, porém, por conter representações de todo o país, diferentes grupos e tendências políticas, internamente o movimento enfrentou diversos embates na condução de suas lutas, principalmente devido à identificação de setores movimento estudantil com o Governo Lula. Algumas medidas adotadas pelo Governo tiveram sustentação e apoio no interior das organizações estudantis e outras foram rechassadas por uma parte considerada do movimento.

2.1 Aspectos históricos sobre o movimento estudantil no Paraná.

A história de luta do Movimento Estudantil no Paraná, não foge às lutas estabelecidas pelas organizações de estudantes do país. No entendimento de FIUZA, BRAGGIO e SCHIMITT (2019), os representantes paranaenses também estavam na linha de frente nos momentos marcantes da história do Brasil desde a fundação da UNE e da UBES. De acordo com Mendes Junior (1981), o Paraná se torna palco do 2º Seminário da Nacional de Reforma Universitária. Conforme esse autor, esses seminários tiveram seu início em 1960 e tinham como objetivo a elaboração de uma carta de princípios, contendo propostas de reformas de base para o ensino público no país, que seria discutida em todos os cantos do país.

De acordo com Zapata (2011) os departamentos repressores da Ditadura Militar sempre estiveram vigilantes a movimentação dos estudantes paranaenses através do DOPS, desde a fundação da União Estadual dos Estudantes (UEE) do Paraná, em 1939. Sendo a Entidade Estudantil mais

antiga do país, a União Paranaense dos Estudantes (UPE) nome pelo qual passou a ser denominada, durante a campanha do “Petróleo é Nosso” a UPE se fez presente em 1947 nas atividades em defesa da nacionalização do petróleo brasileiro.

Em 1963, os estudantes paranaenses lançam, no dia 1º de maio, um documento em conjunto com sindicatos e outras entidades de trabalhadores em defesa da mobilização dos trabalhadores contra os altos preços e em defesa das Reformas de Base, propostas pelo Governo João Goulart”(ZAPATEL, 2011, p.84).

No entanto, é importante destacar que, nem sempre a organização dos estudantes do Paraná tiveram um posicionamento de esquerda e em defesa da democracia. Uma carta enviada pelo Arcebispado da Capital Federal, 1959, ao DCE da PUC/PR, conforme Zapater (2011), revelam um certo compromisso dessa entidade, em aceitar as solicitações do Arcebispado e se posicionar contrária à filiação da UNE à União Internacional dos Estudantes (UIE), considerada anti-cristã e comunista. Para a autora, em muitos momentos a UPE, não foi percebida como uma entidade com posicionamentos contrários ao do Estado.

Após o Golpe Militar de 1964, enquanto as atividades estudantis eram perseguidas e reprimidas, no Paraná eram apenas assistidas e vigiadas pelo DOPS. Em 1965, a UPE passou a ser dirigida por um grupo de estudantes anticomunista e defensores do Regime Militar.

Como havia um movimento em todo o país em extinguir as organizações estudantis de todo país, em 1967, a manutenção da UPE, que ainda colaborava com o Regime, foi defendida por Flávio Suplicy de Lacerda, ex-ministro do Regime Militar e ex-reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sendo, conforme a última entidade estudantil do país a ser extinta em janeiro de 1969. (ZAPATER, 2011)

3. As manifestações em defesa da educação no paraná, em 15 e 30 de maio de 2019.

Conforme citado anteriormente, muitas das ações dos movimentos populares são motivadas por decisões estatais, neste sentido, este item, será

apresentada a forma como ocorreram as mobilizações, no Estado do Paraná, de estudantes, professores, trabalhadores da educação, e outros profissionais, motivadas pelo anúncio do governo federal, sobre o corte de aproximadamente 48 milhões de reais, do repasse às universidades federais, que atinge cerca de 30% do orçamento previsto para pagamento de dívidas não obrigatórias, como trabalhadores terceirizados, obras, compras de equipamentos, água, luz e internet. O anúncio de corte de verbas ocorreu no dia 30 de abril de 2019, pelo Ministério da Educação (MEC). Segundo o site uol educação,

O anúncio acontece após declaração do ministro da Educação, Abraham Weintraub, de que o MEC cortaria recursos de universidades que não apresentassem desempenho acadêmico esperado e estivessem promovendo "balbúrdia" em seus campi. (UOL.EDUCAÇÃO. 2019)

Após tal anúncio, diversas cidades brasileiras iniciam um movimento de mobilização para atos contra o corte e em prol da educação. Diversos meios de comunicação acompanharam as manifestações, ocorridas nos dias 14 e 30 de maio de 2019. Segundo o site de notícias Brasil de Fato (BdF), mais de um milhão de pessoas participaram das manifestações em todo o país. De acordo com o levantamento do site houveram manifestações em mais de 200 municípios no estado do Paraná.

As instituições, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e o Instituto Federal do Paraná (IFPR) seriam alvos destes cortes e em diversas cidades do Paraná os estudantes, professores e outros funcionários foram para as ruas em resposta à esta medida. Segundo o jornal Folha de S. Paulo, a UNE convocou os estudantes para a mobilização, e essa paralisação se fundiu a mobilizações já convocadas por sindicatos ligados a educação.

Segundo a matéria publicada pelo site do Portal Bem Paraná no dia 15 de maio, a primeira manifestação em Curitiba reuniu cerca de 23 mil pessoas, numa passeata foi realizada da Praça Santos Andrade até a Praça Nossa Senhora de Salete, no Centro Cívico, conforme o registro da Associação dos

Professores da Universidade Federal do Paraná (APUF-PR) e o DCE da UFPR. (RESENDE, 2019)

Em Curitiba no dia 30 maio, os manifestantes voltaram às ruas e, mesmo debaixo de chuva, ocuparam a praça em frente ao prédio histórico da Universidade Federal do Paraná (UFPR), como relata a matéria do jornal G1/PR- Curitiba. Neste ato, os manifestantes recolocaram a faixa, com a frase: "**em defesa da educação**, que foi retirada por manifestantes pró-Bolsonaro (PSL) no dia 26 de maio. Fato este que causou muita revolta aos estudantes e educadores. Da Praça Santos Andrade, todos seguiram até a Boca Maldita, um ponto emblemático da cidade, na Rua XV de Novembro, onde estava previsto o encerramento do ato, de acordo com a organização do evento, neste dia cerca de 20 mil pessoas participaram da manifestação.

Em Ponta Grossa também houve manifestação e o ato ocorreu em frente ao campus central da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), segundo o jornal G1/PR, a UEPG suspendeu suas atividades na manhã do dia 15/05/2019 e funcionários, professores e alunos participaram de uma aula pública. Segundo o presidente do Sindicato dos Docentes da UEPG (SINDUEPG), Marcelo Ubiali Ferracioli, "A categoria docente mostrou que não se sujeitará a tais ataques à educação e à previdência social" (DIÁRIO DOS CAMPOS, 2019).

Em Maringá, os manifestantes se reuniram ao lado Universidade Estadual de Maringá (UEM), segundo os organizadores havia cerca de 2.000 (duas mil) pessoas nesse protesto.

Conforme divulgado em 13/05/2019, pelo site do jornal TarobaNews, os professores de Universidade Estadual de Londrina, (UEL), também aderiram a paralisação no dia 15/05/2019. Segundo o presidente da APP Sindicato, Márcio Ribeiro, cerca de duas mil pessoas participaram do ato. A manifestação ocorreu em frente à agência do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) no centro da cidade.

Ainda em Londrina, na quarta-feira 30/05/2019, os estudantes voltam às ruas, novamente em defesa da educação e contra o corte de verbas e, também, contra a reforma da previdência. Essa mobilização foi organizada pelo movimento Levante Popular da Juventude em parceria com o DCE (Diretório

Central dos Estudantes) da UEL, grêmios estudantis, centros acadêmicos e secundaristas do IFPR (Instituto Federal do Paraná), segundo os organizadores, cerca de 10 mil pessoas participaram do ato.

Em Cascavel, alunos, professores e funcionários da UNIOESTE também se organizaram contra o corte de verbas. O ato ocorreu no dia 30/05/2019 pela manhã e o número de participantes não foi divulgado, segundo informações do G1 Oeste e Sudeste.

De modo geral, os principais números e matérias divulgadas apontam para uma mobilização geral de alunos em professores em favor da educação e contra os cortes anunciados pelo governo federal. Essas mobilizações e organizações estudantis nos fazem acreditar que o “Gigante está acordando?”.

4. Uma análise sobre as respostas do Estado às manifestações dos estudantes

Uma vez relata a forma como se deram as manifestações, no Estado do Paraná, dos estudantes no dia 15 e 30 de maio de 2019, em defesa da educação pública e das Universidades, neste item, trataremos de analisar as respostas dados pelo Estado, (por seus representantes) às exigências retratadas em tais eventos.

Inicialmente cabe lembrar, que no Brasil, as manifestações estudantis têm um histórico de muitas lutas e conquistas no que se refere ao direito à educação, e estas lutas sociais nem sempre foram acatas da forma mais amigável pelos respectivos governos.

Mas, especificamente no contexto das últimas manifestações, algo chama atenção nas falas/respostas, tanto do presidente da República, quanto do ministro da educação, veiculadas em diversos meios de comunicação e nas redes sociais, sobre as manifestações, seus gritos de guerra, frases de cartazes e a proporção que tiveram em todo o país.

Segundo a matéria publicada no Jornal Folha de São Paulo, no primeiro dia de manifestação, 15 de maio, o presidente Jair Bolsonaro, que estava em viagem aos Estados Unidos, durante entrevista afirmou que os manifestantes que lutavam em prol da educação no Brasil, tratavam-se de “**idiotas úteis**”, “**militantes**”, e “**massa de manobra**”. (DIAS, 2019. s/p)

E ainda, quando questionado sobre os protestos que aconteciam nas principais cidade e capitais do país, o presidente alega que os alunos que saíram às ruas, “**não sabem nem a fórmula d’água**” e que “servem de instrumento político para ‘uma minoria espertalhona que compõe o núcleo das universidades federais’”. (DIAS, 2019. s/p)

Em relação às falas, acima citadas, do presidente, o que se pode observar é um comportamento hostil e desrespeitoso, quando se subestima a capacidade intelectual e de organização dos estudantes e de outros membros que participavam das manifestações, pois, ao dizer que tais estudantes não sabem nem a fórmula d’água, percebe-se que o presidente procura “rebaixar” o nível de conhecimento dos estudantes, mesmo sem saber quem são tais estudantes.

Outro fator importante de ressaltar aqui, é quando a fala do presidente os caracteriza como “massa de manobra”, referindo-se aos partidos de oposição ao seu governo, quis dizer que os estudantes, não estariam ali, nas manifestações, por suas próprias vontades, que, conscientemente não ali estariam lutando contra o corte de verbas na educação, e sim, que estariam participando das manifestações em função de ideologias político-partidárias e influenciados por partidos políticos de “esquerda”.

No contexto do segundo dia das manifestações dos estudantes, que ocorreu em 30 de maio, o Ministro da Educação, postou em seu canal do *Twitter* que alunos estariam sendo coagidos por professores a participar de manifestações. Como consequência de tal alegação, também houve a divulgação de um canal que o no site do MEC para receber denúncias e provas de tais coação. Um dos meios de comunicação que publicou a matéria foi o site da Revista Fórum, segundo o texto,

o ministro da Educação, Abraham Weintraub, divulgou um vídeo em suas redes sociais abrindo um canal de “denúncias” para receber “provas” de professores que estejam coagindo alunos de escolas públicas a participarem de manifestações. O anúncio aconteceu às vésperas dos atos convocados contra o governo Jair Bolsonaro (PSL), que ganharam força após bloqueios de recursos dos institutos federais de ensino pelo Ministério da Educação (MEC). (REVISTA FÓRUM, 2019, s/p)

Ainda sobre as possíveis denúncias de coação dos estudantes por parte dos professores, o Ministério da Educação emitiu uma nota, em que consta um texto repudiando a organização dos professores, estudantes e funcionários.

A partir de tal medida, o que se pode concluir, é que houve uma tentativa, por parte do Estado, de reprimir as manifestações utilizando-se da estrutura pública para coibir professores e alunos a não saírem do espaço institucional no horário de trabalho e de aulas. Com tal “comportamento”, é inegável que a atual gestão do Gov. Federal, além de não conseguir dialogar com os setores populares, age contra a democracia, de forma autoritária e truculenta, de forma muito parecida com o que vivenciamos no período da ditadura militar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho possibilitou “revivenciar”, importantes momentos protagonizados pelos movimentos sociais e estudantis, mas também, fez lembrar como, no Brasil, as manifestações populares historicamente sofreram ataque e repressões.

Descrever alguns pontos das manifestações dos estudantes em prol da educação, provoca reflexões acerca da necessidade de se combater nas ruas o retrocesso em relação aos direitos já conquistados. Já as respostas dadas pelo Estado, nos revela o quanto a democracia brasileira é frágil, pois, permite que um ministro aceite, ou não, que trabalhadores e estudantes se manifestem nas ruas por corte de verbas na educação.

Para finalizar, ressaltamos a semelhança no trato com as mobilizações populares, entre o período da ditadura militar e as tentativas de repressão aos atos de maio de 2019. Isso significa que, diante da atual conjuntura brasileira, não só os direitos já conquistados estão em risco, mas também a democracia.

6. REFERÊNCIAS

Alunos, professores e funcionários da Unioeste fazem ato contra corte de verbas da educação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2019/05/30/alunos-professores-e-funcionarios-da-unioeste-fazem-ato-contra-corte-de-verbas-do-mec.html>> - Acesso 5 de julho de 2019.

Curitiba tem protesto contra bloqueio de verbas na educação. Globo.com/RPC, Curitiba (PR), 30 de maio de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/05/30/curitiba-tem-protesto-contra-bloqueio-de-verbas-na-educacao.ghtml>> Acesso em: 24 de jun.de 2019.

DULCE. E.; CARVALHO. I.; CONSOLE. L. **Mais de um milhão vão às ruas em defesa da educação e contra a reforma da Previdência.** Brasil de Fato, São Paulo (SP), 15 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/05/15/em-todos-os-estados-brasileiros-vao-as-ruas-em-defesa-da-educacao-e-contra-bolsonaro/>>. Acesso em: 10 de jun.de 2019.

Estudantes convocam novos protestos em defesa da educação para o dia 30 de maio. Brasil de Fato, São Paulo (SP), 15 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/05/15/estudantes-convocam-novos-protestos-em-defesa-da-educacao-para-o-dia-30-de-maio/>>. Acesso em: 10 de jun.de 2019.

RESENDE. N. **Manifestação contra cortes reúne 20 mil em Curitiba.** E vem mais por aí. Bem Paraná, Curitiba (PR), 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticia/manifestacao-contra-cortes-reune-20-mil-em-curitiba.-e-vem-mais-por-ai#.XS9_h-hKhPZ> Acesso em: 17 de jun.de 2019.

DIAS. MARINA. **Bolsonaro diz que manifestantes contra cortes na educação são idiotas úteis e massa de manobra.** Folha de São Paulo 15 mai 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/bolsonaro-diz-que-manifestantes-contra-cortes-na-educacao-sao-idiotas-uteis-e-massa-de-manobra.shtml>>

No #30M, ministro abre canal de “denúncias” de professores que “coagirem” alunos a participarem de atos. Revista Fórum Disponível, 30 mai 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/no-30m-ministro-abre-canal-de-denuncias-de-professores-que-coagirem-alunos-a-participarem-de-atos>. Acesso em 15/07/2019

BRASIL. **Instituições de ensino públicas não podem promover movimentos políticos.** Ministério da Educação. 30 mai 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/33381-notas-oficiais/76641-instituicoes-de-ensino-publicas-nao-podem-promover-movimentos-politicos__ Acesso em 15/07/2019

SOUZA, Luana. **Manifestação dos professores é marcada por passeata em Ponta Grossa.** Diário dos campos gerias, 15 mai 2019. Disponível em: <https://www.diariodosc campos.com.br/noticia/manifestacao-dos-professores-e-marcada-por-passeata-em-ponta-grossa> - Acesso 03 de julho de 2019.

SUDRÉ. L. **Estudantes, servidores e professores universitários sinalizam greve para 15 de maio.** Brasil de Fato, São Paulo (SP), 3 de maio de 2019.

Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/05/03/estudantes-servidores-e-professores-universitarios-sinalizam-greve-para-15-de-maio/>>
Acesso em: 14 de jun.de 2019.

FIUZA, Alexandre Felipe. BRAGGIO, Ana Karine. SCHIMITT, Silvana Lazzarotto. **O histórico do movimento estudantil paranaense secundarista por meio da memória.** Campinas: Revista Ibero-americana, 2019.
MENDES JR. Antônio. **Movimento estudantil no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

MONTAÑO, Carlos. DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, classe e movimento social.** São Paulo: Cortez, 2014.

POERNER, Arthur. **O poder jovem:** história da participação política dos estudantes desde o Brasil-Colônia até o governo Lula. 5 ed. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

ZAPARTE, Andréia. **A DOPS e a repressão ao movimento estudantil de Curitiba.** Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2011.
Disponível in: http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/1775/1/Andreia_Zaparte.
Aceso em 13/07/2019 **Professores da UEL decidem aderir à paralisação nacional do dia 15 de maio**